

Fonte para problematização.

Quando se fala em perda de soberania é preciso deixar claro que ela apresentava-se historicamente combinada com a própria conjuntura de constituição do sistema colonial, dando ensejo para que um movimento de resistência refletisse múltiplas razões de descontentamento. Exemplo significativo foi o da Argélia, em 1830, quando o governo francês, invocando os ataques piratas nos postos do Mediterrâneo, ocupou o território argelino.

A resposta foi uma resistência constante e organizada por parte da população árabe que, além de ser zelosa de sua soberania, não aceitava as políticas e os métodos executados pela burocracia colonial europeia, os quais eram incompatíveis com uma administração com raízes islâmicas, fundada em um sistema moral santificado [...].

[...] O exemplo deste e de outros movimentos de resistência pela perda da soberania permitem observar que o significado de “soberania”, para a maior parte das sociedades africanas, teve limites que excediam o poder político considerado de forma restrita.

Em outras palavras, em grande parte das sociedades africanas o poder de mando era supremo mas não exclusivo, ou seja, era partilhado entre a organização política e a social fundada na religiosidade. (HERNANDEZ, 2008 p. 111-112).

Fonte: Os movimentos de resistência na África. O desafio à autoridade: a concretização da resistência. In: HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. 2ª Ed. – São Paulo: Selo Negro, 2006. p. 111-112.

Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/bernardo/files/hernandez - a africa na sala de aula.pdf>
Acesso em: 04 de Nov. de 2018.